

Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 12, Pluralismo religioso

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 12, Pluralismo Religioso.

Certo, vamos falar sobre Pluralismo Religioso, que nos dias de hoje é uma grande preocupação entre muitas pessoas, não apenas acadêmicos, mas uma pessoa típica na rua, se perguntando sobre as implicações do fato de que o mundo tem todos os tipos de religiões, dez ou doze religiões principais e então centenas de outras também.

Existe uma religião verdadeira, ou existem muitos caminhos para Deus? Essa é a questão aqui. Então, falaremos sobre o problema do pluralismo religioso. Então, aqui estão as principais visões.

Existe a visão conhecida como Pluralismo Religioso, que é a ideia de que muitas religiões diferentes levam à realidade suprema de que você pode encontrar salvação por meio de muitas religiões diferentes. Então, existe a visão conhecida como exclusivismo religioso, que é a visão de que apenas uma religião é verdadeira e leva à realidade suprema. Uma visão menos conhecida, que é conhecida como inclusivismo religioso, é a visão de que há uma religião verdadeira, mas todos os devotos religiosos são seguidores secretos da religião verdadeira.

Então essas são as três visões padrão: Pluralismo, Exclusivismo e Inclusivismo. Então, vamos olhar para um grande proponente da visão Pluralista, que é John Hick, um grande filósofo da religião no século XX e no século XXI. Hick propõe que os vários sistemas de salvação devem ser vistos como, como ele coloca, diferentes formas da concepção mais fundamental de uma mudança radical de um estado profundamente insatisfatório para um que é infinitamente melhor porque se relaciona corretamente com o real.

Então, temos todas essas religiões diferentes, todas as suas crenças diferentes sobre Deus e suas várias práticas, liturgias e assim por diante. Todas essas são expressões diferentes de um tipo de impulso humano singular para encontrar Deus e encontrar a salvação final. E Hick argumenta que há uma unidade profunda aqui. Embora as várias religiões, em muitos casos, pareçam muito diferentes, há um tipo de comunalidade central entre todas as religiões diferentes.

Ele acrescenta que só podemos avaliar esses diferentes projetos de salvação, como ele os chama, na medida em que somos capazes de observar seus frutos na vida humana. Então, ele distingue alguns padrões diferentes de transformação espiritual.

Você tem santos ou pessoas religiosamente devotas que se retiram do mundo para, você sabe, oração e meditação de uma forma que é separada do resto do mundo e do engajamento humano, como em um contexto monástico.

Pessoas como Julian of Norwich, Sri Aurobindo ou outros fariam isso e adotariam essa abordagem. Então você tem santos que buscam mudar o mundo no outro extremo do espectro, aqueles que são muito ativistas no que diz respeito a causar um impacto cultural, talvez até mesmo um impacto político com sua fé. Pessoas como Joana d'Arc ou Mahatma Gandhi se encaixariam nessa categoria.

Então, há toda uma gama de abordagens em termos do tipo de vida que alguém leva como consequência de sua transformação religiosa. Então, no final, porém, há certas características que tendem a ser observadas nos devotos religiosos, como se eles adotam uma abordagem mais separatista ou mais ativista na aplicação de sua fé. Mas como identificamos o tipo de comportamento que reflete essa orientação adequada à realidade divina? A resposta de Hick é que, usando critérios morais implícitos nos insights éticos compartilhados da religião mundial, ou seja, que devemos demonstrar, como ele diz, a consideração altruísta pelos outros que chamamos de amor ou compaixão.

Isso está chegando ao cerne moral da transformação religiosa. Quando olhamos para os devotos nas religiões do mundo, seja cristianismo ou judaísmo, islamismo, hinduísmo ou budismo, tendemos a encontrar essas virtudes de amor e compaixão consistentemente. Hick diz que as virtudes pessoais são praticamente as mesmas dentro das diferentes tradições religiosas e culturais, e ele conclui que, entre aspas, não temos nenhuma boa razão para acreditar que qualquer uma das grandes tradições religiosas tenha se mostrado mais produtiva de amor ou compaixão do que outra.

Então, há um tipo de paridade quando se trata da capacidade de uma tradição religiosa de inspirar virtude se alguém der uma olhada honesta nas várias tradições religiosas, particularmente as principais tradições religiosas como o judaísmo, cristianismo, islamismo, hinduísmo, budismo, siquismo e assim por diante. Então, Hick oferece um tipo de análise kantiana da situação, sustentando que, entre aspas, a mente é ativa na percepção, impondo seus próprios recursos conceituais e hábitos sobre o que se experimenta em um contexto religioso ou quando se trata da abordagem de Deus ou da realidade espiritual suprema. Ele chama isso de kantiano porque a epistemologia de Kant, em poucas palavras, era que não vemos o mundo de uma forma pura e sem filtros.

A mente não é apenas um simples espelho da natureza, mas, em vez disso, a mente contribui com certas categorias racionais e formas conceituais através das quais interpretamos o mundo. Agora, normalmente não notamos que estamos fazendo isso, mas essa é apenas a natureza da mente humana, impor um tipo de estrutura na

realidade de tal forma que nos permita entender as coisas de uma certa maneira e conceituar e pensar sobre o mundo de uma certa maneira. Kant acreditava que isso é fundamental para a condição epistêmica humana e que mesmo coisas como espaço e tempo e pensar sobre objetos em termos de quantidade e qualidade eram conceitos que a mente impõe à realidade, e nós realmente não sabemos como o mundo é em si mesmo.

Nós apenas sabemos como o mundo é conforme o vivenciamos. Esse é um movimento epistemológico kantiano básico. Hick acredita que adotar essa abordagem para nossa concepção de Deus e como abordamos a realidade divina é útil, e ele vê as diferentes perspectivas religiosas como nos dando categorias racionais que então aplicamos à nossa perspectiva sobre o divino.

Então, à luz de tudo isso, Hick diz que fazemos esses dois movimentos. Primeiro, postulamos uma realidade divina transcendente final que está além do escopo dos conceitos humanos e da experiência direta. Precisamos reconhecer que há uma realidade divina que é um tipo de religiosa ou espiritual em si mesma, e precisamos usar a linguagem kantiana que existe independentemente do nosso pensamento.

Essa é a realidade máxima que está aí. Estamos tentando chegar a essa coisa. E as várias, e esse é o segundo ponto, as várias divindades religiosas e absolutos como manifestações do real dentro de diferentes formas históricas da consciência humana.

Todas as diferentes doutrinas religiosas, teorias e teologias são, sim, manifestações ou expressões dessa realidade última, conforme interpretada por nós por meio dessas categorias. Então, você tem a realidade última, o divino em si mesmo, e então você tem essa realidade conforme a vivenciamos por meio dessas categorias e conceitos teológicos e religiosos. E porque religiões inteiras meio que giram e dependem de certos conceitos e categorias, você tem alguns tipos muito diferentes de tradições religiosas, e uma grande variedade delas emerge, mesmo que estejam chegando à mesma coisa.

É porque os conceitos e categorias diferem de cultura para cultura e de tempos em tempos. Então, Hick oferece alguns esclarecimentos aqui. Um, dizer que as divindades adoradas pelas religiões do mundo são aparências do real não é dizer que são ilusões.

Ele não está dizendo que essas são pura ficção porque são uma espécie de dispositivos interpretativos. Há uma realidade ali, mas essa realidade é interpretada de diferentes maneiras por diferentes grupos religiosos e tradições. Então, novamente, a analogia com Kant é apropriada porque Kant não acredita que nossa experiência atual seja ilusória ou ficção.

Ele apenas acredita que é interpretado. Não reflete adequadamente ou, em última análise, com precisão o que realmente está lá. Na verdade, não podemos saber exatamente como a coisa em si é precisamente porque estamos sempre interpretando-a por meio de nossas categorias racionais.

E seria da mesma forma aqui, Hick diria, em termos de nossa abordagem religiosa à realidade suprema, Deus, porque estamos sempre interpretando e obtendo um tipo de interpretação através disto, seja qual for nossa estrutura teológica ou religiosa. Você sabe, não podemos realmente chegar ao divino em si, mas nossas interpretações são, elas também não são meras ficções. Elas são interpretações e perspectivas que são afetadas pelas categorias religiosas e teológicas que usamos.

Em segundo lugar, dizer que o real está além do alcance dos conceitos humanos não significa que conceitos lógicos formais não se apliquem a ele. Então, a análise kantiana, ele diz, é a melhor alternativa à interpretação naturalista da religião, afirmando que todas essas experiências do divino são meramente projeções mentais e uma construção da imaginação humana. Então, ele rejeita essa interpretação naturalista da religião.

A análise kantiana é a melhor maneira de resistir à ideia naturalista de que é tudo; todas essas religiões estão postulando pura ficção. Não, é real. A realidade última, a realidade de Deus, é real.

Simplesmente não podemos saber o que é em si. Hick distingue vários níveis nos quais as religiões diferem doutrinariamente. Um é em termos de suas concepções da realidade última, a natureza do real.

Em segundo lugar, em termos de crenças metafísicas, as religiões diferem nesse aspecto também. Crenças sobre a relação do universo com o real. Criação ex nihilo, ou é um tipo de emanção do mundo do ser de Deus? Vocês têm visões diferentes sobre a origem do universo.

Destino humano, você vive uma vida e então é a vida após a morte para sempre. Ou há sistemas de reencarnação, visões sobre o céu e o inferno? Há todo tipo de diferenças entre as religiões do mundo em relação a essas crenças metafísicas. Questões históricas são outra maneira pela qual as religiões diferem doutrinariamente.

Crenças sobre a natureza e as façanhas de Jesus, de Nazaré, de Maomé, de Gautama, do Buda e assim por diante. Hick conclui que devemos rejeitar o velho dogma exclusivista de que a salvação está confinada ao cristianismo. Ele observa a visão inclusivista de Karl Rainer de que “pessoas devotas de outras religiões são cristãos anônimos dentro da igreja invisível, mesmo sem saber, e, portanto, dentro da esfera da salvação”.

Até mesmo um papa recente observou que todo homem, sem exceção, foi redimido por Cristo. Às vezes, você ouvirá pessoas que parecem ser exclusivistas falarem, pelo menos em linguagem inclusivista, pessoas que são teologicamente ortodoxas, reconhecendo que há uma certa amplitude na misericórdia de Deus, como Clark Pinnock disse uma vez. Mas isso vai até o fim? Vai até o fim do pluralismo religioso de alguém como John Hick, onde você sabe, todas ou pelo menos muitas religiões são igualmente eficazes em fornecer salvação para a pessoa que está buscando a Deus? Alguém de um tipo mais exclusivista, mas eu diria um exclusivista generoso, é Keith Ward, o acadêmico britânico.

Ward é crítico de Hick e, ou de sua visão pluralista, e aqui está como Ward caracteriza a tese pluralista. Isto é uma citação de Ward, ele diz que as religiões fornecem respostas diferentes, válidas, mas culturalmente condicionadas, a uma realidade transcendente e oferecem maneiras de transcender o eu e alcançar um estado infinitamente melhor centrado nessa realidade. Essa é a maneira de Ward resumir o pluralismo.

Além disso, nessa visão, todos serão ou poderão ser salvos ao aderir às suas próprias tradições religiosas. Você não precisa ser universalista para ser pluralista. Você pode ser pluralista sem ser universalista.

Você pode ser universalista sem ser pluralista. Há todo tipo de combinação aqui, mas muitos pluralistas são universalistas. Já que todas as asserções afirmam algo, elas devem excluir algo também, observa Ward.

Por essa razão, ele diz, entre aspas, todas as alegações de verdade são necessariamente exclusivas. Ele também diz que nem todas as tradições religiosas possíveis podem ser igualmente verdadeiras, autênticas ou válidas. Há incompatibilidade aqui quando se trata de alegações de religiões particulares sobre a natureza de Deus e salvação e assim por diante.

Na medida em que eles fazem alegações, então há uma possibilidade de contradição ou incompatibilidade mútua de visões. Então, Ward rejeita o que ele chama de pluralismo extremo, presumivelmente a noção de que todas as religiões são igualmente verdadeiras. Isso simplesmente não é possível, já que eles fazem alegações concorrentes.

Mas então Ward distingue uma versão do pluralismo que ele chama de pluralismo rígido, que é diferente do que ele chama de pluralismo extremo. Pluralismo rígido é a visão de que muitas religiões importantes, entre aspas, não contêm crenças mutuamente exclusivas, mas são caminhos igualmente válidos de salvação e de experiência autêntica do real. Novamente, há muitas alegações de verdade

incompatíveis que dividem as religiões, então isso é problemático para o pluralismo rígido.

Aqui, Hick ou pluralistas radicais podem responder que isso é irrelevante para o conhecimento do real e do processo salvífico. É porque você tem alegações de verdade incompatíveis. Ainda é possível que essas religiões diferentes possam ser igualmente eficazes como um meio de levar os crentes à salvação.

Além disso, o pluralista duro diria que o real, em última análise, e Hick é grande nesse ponto, é inefável. Não é algo que pode ser colocado em palavras ou expresso em linguagem e categorias humanas. Está além do alcance do pensamento humano.

Ward faz, eu acho, uma boa resposta aqui. Ele diz que se o real é inefável, se a realidade última está além do alcance do pensamento e da linguagem humanos, então como podemos saber que ela existe? Você pode ter as duas coisas? Você pode sustentar que algo está além do alcance do pensamento e da linguagem humanos, mas então estar confiante de que ele está lá? Então esse é um problema para o pluralismo rígido. Ele diz que se nenhuma afirmação de verdade pode se aplicar ao real, então como podemos dizer algo sobre ele? Como podemos teorizar, como Hick faz, a esse ponto em que ele está confiante de que há essa realidade última que transcende todas as categorias religiosas particulares? Se é tão transcendente, como podemos saber com certeza que está lá ou ter alguma confiança de que há essa realidade última além das estruturas religiosas e teológicas interpretativas que supostamente aplicamos a ela? E se o real é incognoscível, como podemos saber que todas as afirmações sobre ele são igualmente válidas? Você teria que saber qual é a realidade última em si mesma para poder avaliar as diferentes estruturas teológicas e religiosas e as tentativas de interpretá-la.

Então, parece haver uma inconsistência aqui em termos de alegações sobre a incognoscibilidade da realidade última e suas implicações. Embora possamos saber o suficiente sobre a realidade última, também precisamos saber que as diferentes tradições religiosas são aproximadamente iguais em sua precisão na interpretação dessa realidade. Ward observa que Aquino, Tomás de Aquino, sustentou que temos conhecimento genuíno, ainda que analógico, de Deus, mas não podemos compreender a natureza de Deus em si. É a essência de Deus que é inefável.

Essa visão tomista afirma que nosso reconhecimento da inefabilidade divina é baseado em um conhecimento genuíno de Deus. Então, você sabe, Aquino certamente não é um pluralista hickiano aqui. Nós temos conhecimento genuíno de Deus. Mesmo que seja conhecimento analógico, é real.

E mesmo que estejamos limitados em termos de nossa habilidade ou isolados de nossa habilidade de realmente compreender a verdadeira essência de Deus, temos conhecimento de Deus, no entanto. Então o erro, o erro kantiano que Hick comete,

de acordo com Ward, é que Kant sustentou que a realidade numenal é a causa de todas as experiências fenomenais que temos. Mas ao sustentar isso, Kant, citação, aplica as categorias da mente além do alcance permissível do significado cognitivo, como Ward coloca.

Ele está alegando que está alegando mais conhecimento do que sua epistemologia realmente lhe dá o direito de alegar. Se o numenal ou o em si está além do alcance da cognição humana, então como ele pode dizer tanto sobre isso? Ward diz que, como Kant, John Hick é, entre aspas, incapaz de renunciar inteiramente a alegações teóricas sobre o real. É irresistível.

Mesmo no contexto de fazer alegações em defesa do pluralismo religioso, Hick não consegue se conter em termos de fazer alegações sobre a realidade última que ele diz que não podemos conhecer em última instância. Além disso, Ward diz que Hick não vai longe o suficiente ao fazer afirmações sobre o real. Ele diz que seria melhor se ele abandonasse a linha kantiana de que o real é numênico ou, em última instância, além do alcance da mente humana e simplesmente dissesse que o real é uma unidade última de realidade e valor.

Isso seria melhor. Isso estaria mais em sincronia com uma perspectiva exclusivista. Ward observa que Hick afirma que há um objetivo adequado da atividade humana, que é a vida centrada na realidade, e que isso pressupõe que isso deve ser alcançado conscientemente, o que por sua vez implica que se deve ter certas crenças corretas para alcançá-lo.

Então, novamente, há uma espécie de reconhecimento tácito de certas ideias exclusivistas importantes em Hick das quais ele não consegue escapar. Mas se for esse o caso, Ward diz, podemos perguntar que tipos de crenças alguém deve ter para ser salvo. Isso levanta uma questão muito interessante. O que é exatamente que alguém deve acreditar, digamos como cristão, para alcançar a salvação? Até que ponto as crenças são mesmo necessárias? Crenças de um certo tipo são necessárias para que alguém seja salvo? Há muitas questões interessantes aqui.

Se você insiste que, bem, certas crenças são necessárias, certos estados cognitivos para a salvação cristã, então isso descartaria a possibilidade de que crianças pequenas, bebês ou fetos abortados possam ser salvos. Eles ainda não têm nenhuma aceitação cognitiva das ideias cristãs. O cristão que eu já conheci sustentou que pelo menos muitos, se não todos, os bebês e fetos que morrem no útero são salvos.

Então, claramente, Deus é capaz de e salva, se alguém mantém essa visão, muitas pessoas que não têm nenhum tipo de abraço cognitivo da verdade cristã. Então, as coisas mudam conforme as pessoas envelhecem? Essa seria uma visão padrão de que, uma vez que você atinge uma certa idade de maturidade cognitiva, então se torna um requisito. Mas qual é essa idade? Há um problema de imprecisão aí.

Então, toda a questão da responsabilidade racional em termos de questões de salvação é muito interessante e está relacionada aqui. Então, você está certo; essa é a questão com a qual todos nós que somos teístas e cristãos em particular precisamos lutar. Seja alguém exclusivista, inclusivista ou pluralista, qual é exatamente a condição necessária para a salvação? A resposta de Ward é que a metafísica não é o que nos salva. Para os cristãos, o ato de Deus estabelecendo criaturas em conhecimento e amor a ele faz isso.

Eu acho que essa é certamente uma afirmação segura e correta. Deus é aquele que nos estabelece em nossa salvação. Mas ainda assim, essa é uma questão separada.

Mesmo que você queira olhar para isso como um tipo de manifestação ou sintoma do fato de que Deus está trabalhando salvificamente na vida de alguém, que tipos de consequências ou indicadores disso haverá para nós cognitivamente em termos de nossas crenças? Você poderia falar sobre o seguinte nesses termos: Quais são os indicadores de salvação cognitiva para os seres humanos? Aqui, Ward sugere outra versão do pluralismo, que ele considera defensável e importante. Ele o chama de pluralismo suave, a visão de que o real pode se manifestar em muitas tradições e os humanos podem responder a ele apropriadamente nelas. O que realmente soa muito como inclusivismo religioso.

O inclusivismo de alguém como CS Lewis. Ele era uma espécie de inclusivista cristão que Deus pode e trabalha na salvação cristã nos corações de certas pessoas, mesmo em outros contextos religiosos ou em situações ou contextos onde não há nem mesmo um sistema religioso formal adotado por uma pessoa. Então, de acordo com o inclusivista cristão, há uma verdade exclusiva sobre o caminho da salvação para os seres humanos, e é por meio de Cristo, por meio da graça aplicada de Deus na vida de uma pessoa, mas Deus pode fazer isso fora dos contextos da prática religiosa cristã formal.

A questão é, bem, de que forma isso toma? Bem, pode tomar qualquer número de formas, dependendo da situação. Então, isso seria mais uma abordagem inclusiva. Acho que é isso que Ward quer dizer aqui.

Então, para resumir a crítica de Ward ao pluralismo de Hicks, o pluralismo de Hicks afirma, novamente, que há algo totalmente incognoscível que é a realidade suprema, a realidade divina suprema. Todas as experiências dela são igualmente autênticas e todos os caminhos para uma experiência mais completa dela são igualmente válidos. O problema é, como Ward sustentou, se é o caso de que há algo totalmente incognoscível, que a primeira proposição é verdadeira, então a segunda e a terceira proposições não podem ser afirmadas.

Não podemos saber que todas as experiências dela são igualmente autênticas e não podemos saber que todos os caminhos para uma experiência mais completa dela são igualmente válidos. Então, Hick está fazendo alegações que ele simplesmente não tem como justificar racionalmente. Então, esse é o pluralismo de Hicks e essa é a crítica de Ward ao pluralismo religioso.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 12, Pluralismo Religioso.